

ARNALDUR INDRIDASON

O MISTÉRIO DO LAGO

Tradução de Vasco Gato

1

Permaneceu imóvel durante algum tempo, fitando os ossos como se não fosse possível que ali estivessem. Tal como ela.

A princípio, achou que seria outra ovelha que se tivesse afogado no lago, até se aproximar e ver o crânio semienterrado no leito e a silhueta de um esqueleto humano. As costelas despontavam da areia e, por baixo, viam-se os contornos da pélvis e dos ossos das coxas. Estando o esqueleto tombado sobre o lado esquerdo, conseguia ver-lhe o lado direito do crânio, as órbitas vazias e três dentes no maxilar superior, um deles com um enorme chumbo prateado. O crânio em si apresentava um buraco largo, do tamanho de uma caixa de fósforos, que instintivamente julgou ter sido infligido por um martelo. Curvou-se e estudou o crânio. Após alguma hesitação, explorou o buraco com o dedo. O crânio estava cheio de areia.

A imagem de um martelo assaltou-lhe novamente o pensamento e estremeceu perante a ideia de alguém levar uma martelada na cabeça. Porém, o buraco era demasiado grande para ter sido produzido por um martelo. Decidiu não voltar a tocar no esqueleto e, pegando no telemóvel, ligou para as emergências.

Não sabia o que dizer. De certa forma, aquilo era completamente irreal. Um esqueleto bem no interior do lago, enterrado no seu leito arenoso. Ela também não se encontrava nas melhores condições.

Imagens de martelos e caixas de fósforos. Estava a custar-lhe concentrar-se. Os seus pensamentos dispersavam-se em todas as direções e só a custo conseguia reagrupá-los.

Talvez por estar de ressaca. Fizera tenções de passar o dia em casa, mas mudara de ideias e fora até ao lago. Convencera-se de que deveria verificar os instrumentos. Era uma cientista. Sempre o quisera ser e sabia que todas as medições deveriam ser cuidadosamente monitorizadas. Porém, sentia uma dor de cabeça lancinante e os seus pensamentos estavam longe de ser lógicos. A Autoridade Energética Nacional organizara o seu baile anual na noite anterior e, como por vezes acontecia, bebera demasiado.

Pensou no homem deitado na cama dela, na casa dela, e percebeu que essa fora a razão por que se arrastara até ao lago. Não queria lá estar quando ele acordasse, e esperava que já se tivesse ido embora quando regressasse. Ele acompanhara-a a casa após o baile, embora não tivesse sido muito entusiasmante. Tal como os outros que conhecera desde que se divorciara. Quase não falou de outra coisa a não ser da sua coleção de CD, alongando-se mesmo depois de ela ter desistido de se fingir interessada. Até que ela adormeceu num cadeirão da sala de estar. Ao acordar, reparou que ele tinha ido para a cama, onde dormia de boca aberta, com umas cuecas minúsculas e meias pretas.

– Serviço de emergências – disse uma voz do outro lado.

– Estou, sim... gostaria de comunicar a descoberta de uma ossada – informou. – Dela fazendo parte um crânio com um buraco.

Esboçou um esgar. Maldita ressaca! Quem é que diz uma coisa destas? Um crânio com um buraco. Lembrou-se de uma frase tirada de uma rima infantil que falava de um centavo com um buraco. Ou seria um tostão?

– Diga-me o seu nome, por favor – pediu a voz impassível do outro lado da linha.

Ordenou os pensamentos e apresentou-se.

– Onde é que se encontra?

– No lago Kleifarvatn. Do lado norte.

– Apanhou a ossada com uma rede de pesca?

– Não. Está enterrada no leito do lago.

– É mergulhadora?
– Não, a ossada está saliente, espetada no leito. Costelas e crânio.
– Está no fundo do lago?
– Sim.
– Então como é que a consegue ver?
– Estou aqui parada a olhar para os ossos.
– Trouxe-os para terra?
– Não, não toquei em nada – mentiu instintivamente.
A voz da chamada fez uma pausa.
– Mas que raio vem a ser isto? – disse por fim, com raiva. –
É alguma brincadeira de mau gosto? Sabe o que lhe pode acontecer
por nos estar a fazer perder tempo?
– Não é brincadeira nenhuma. Estou aqui a olhar para os ossos.
– Consegue caminhar sobre as águas, então...
– O lago desapareceu – explicou. – Já não tem água. Apenas o
leito. Onde o esqueleto se encontra.
– Como assim, o lago desapareceu?
– Não desapareceu por completo, mas onde me encontro está
seco. Trabalho como hidróloga para a Autoridade Energética. Estava
a registar o nível das águas quando descobri este esqueleto. O crânio
tem um buraco e o esqueleto está parcialmente enterrado na areia.
A princípio pensei que se tratasse de uma ovelha.
– Uma ovelha?
– Encontrámos uma no outro dia que se tinha afogado há uns
anos. Quando o lago era maior.
Seguiu-se nova pausa.
– Peço-lhe que aguarde no local – disse a voz com relutância. –
Vou enviar um carro-patrolha.
Ela ficou parada junto do esqueleto durante algum tempo, diri-
gindo-se então para a margem e medindo a distância. Tinha a certeza
de que os ossos não se encontravam ali quando estivera a fazer medi-
ções quinze dias antes. Caso contrário, tê-los-ia visto. O nível das
águas descera mais de um metro desde essa altura.
Os cientistas da Autoridade Energética andavam intrigados
com aquele enigma, após terem reparado que o nível das águas do
lago Kleifarvatn estava a descer abruptamente. A agência instalara o

seu medidor automático em 1964 e uma das funções dos hidrólogos era proceder às medições. No verão de 2000, o aparelho devia ter-se avariado. Aparentemente, uma enorme quantidade de água estava a esvaír-se do lago de dia para dia, o dobro do volume normal.

Regressou para junto do esqueleto. Estava mortinha por observá-lo melhor, desenterrá-lo e sacudir-lhe a areia, mas calculou que a Polícia não ficaria satisfeita. Questionou-se sobre se seria homem ou mulher e recordou vagamente ter lido algures, possivelmente num romance policial, que os esqueletos eram praticamente idênticos: só a pélvis diferia. Lembrou-se então de alguém lhe ter dito para não acreditar em nada do que lesse em policiais. Estando o esqueleto enterrado na areia, não conseguia ver-lhe a pélvis. Além disso, fosse como fosse, não seria capaz de perceber a diferença.

A ressaca intensificou-se e sentou-se na areia ao lado da ossada. Era domingo de manhã e circundando o lago passava um ou outro carro. Imaginou que seriam famílias num passeio domingueiro até Herdísarvík e depois Selvogur. Era uma estrada pitoresca e bastante concorrida, que atravessava o campo de lava, as colinas e o lago, descendo até ao mar. Pensou nas famílias dentro dos carros. O marido dela deixara-a depois de os médicos terem posto de parte a hipótese de virem a ter filhos. Pouco tempo depois, ele voltara a casar-se e tinha agora dois filhos maravilhosos. Encontrara a felicidade.

Ela encontrara um tipo que mal conhecia e que estava agora deitado na sua cama, com as meias calçadas. À medida que os anos passavam, tornava-se cada vez mais difícil encontrar homens decentes. Ou eram divorciados como ela ou, pior ainda, nunca tinham tido sequer uma relação.

Contemplava pesarosamente os ossos semienterrados na areia, e sentiu-se à beira das lágrimas.

Cerca de uma hora depois, aproximou-se um carro da Polícia vindo de Hafnarfjördur. Vinha sem pressa, avançando indolentemente pela estrada que ia dar ao lago. Era maio e o sol estava a pino, refletindo-se na superfície lisa das águas. Ficou sentada na areia a observar a estrada e, quando acenou, o carro deteve-se. Saíram dois agentes que, olhando para o local onde ela se encontrava, se encaminharam na sua direção.

Ficaram algum tempo em silêncio, parados junto do esqueleto, até que um deles empurrou uma costela com o pé.

– Achas que ele andava a pescar? – perguntou ao colega.

– De barco, queres tu dizer?

– Ou então veio a pé.

– Tem um buraco – notou ela, olhando para os dois polícias à vez.

– No crânio.

Um dos agentes inclinou-se.

– Enfim – disse.

– Pode ter caído do barco e partido o crânio – observou o colega.

– Está cheio de areia – disse o primeiro.

– Não deveríamos informar a DIC [Divisão de Investigação Criminal]? – perguntou o outro.

– Não estão quase todos nos Estados Unidos? – respondeu o colega, olhando para o céu. – Num congresso de Criminologia?

O outro agente assentiu. Ficaram então algum tempo parados junto da ossada até que um deles se dirigiu a ela.

– Para onde foi a água? – perguntou.

– Há várias teorias – respondeu ela. – Que vão fazer? Posso ir-me embora?

Após uma troca de olhares, os agentes anotaram o nome dela e agradeceram-lhe, sem lhe pedir desculpa por a terem feito esperar. Ela não se importou. Não tinha pressa. Estava um belo dia ali, junto ao lago, e tê-lo-ia aproveitado ainda mais se não tivesse tropeçado naquele esqueleto. Questionou-se sobre se o tipo das meias pretas já teria saído do seu apartamento, e desejou que assim fosse. Apetecia-lhe alugar um filme nessa noite e aninhar-se debaixo de um cobertor, diante da televisão.

Olhou para a ossada e para o buraco no crânio.

Talvez alugasse um bom policial.